

AS CONTRADIÇÕES DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E A FORMAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO

César Augusto Castro
Maria Solange Pereira Ribeiro

Resumo

Duas questões norteiam este trabalho: as contradições da sociedade da informação e a formação do chamado profissional da informação. Essa denominação adotada pelos bibliotecários, nas últimas décadas do século passado, e seus fazeres têm sido marcados pela dualidade, ora com uma visão progressista, ora conservadora. Conduzimos a nossa reflexão em dois momentos que se completam. Procuramos pontuar o papel que o bibliotecário assumiu na sociedade brasileira, em seguida, reportamo-nos à maneira como pensamos o seu papel social e político nessa sociedade.

Palavras-chave

Sociedade da informação; Bibliotecários

THE SOCIETY OF THE INFORMATION'S CONTRADICTIONS AND THE LIBRARIAN'S FORMATION

Abstract

Two questions guide this work: the contradictions of information society and the formation of so called information professional. This denomination adopted by librarians throughout last decades of the past century and their works have been marked by the duality, sometimes with a progressive vision, sometimes with a conservative vision. We lead our reflection in two moments that complete themselves. First, we focus the role that librarian has assumed in the Brazilian society, then we refer to on the way as we think its social and politic role in that society.

Key words

Information society; Librarians.

1 INTRODUÇÃO

As contradições da sociedade da informação podem ser tratadas sob diferentes matizes e perspectivas teóricas diversas na medida que se constitui em uma temática complexa. Neste trabalho, optamos por relacioná-las à formação do profissional da informação por acreditarmos que através do processo educacional – regular ou contínuo – é onde podemos vislumbrar mudanças significativas entre os discursos ideais proferidos pelos detentores do capital econômico, cultural e político e os discursos reais, aqueles que se manifestam nas ruas, nas praças públicas, nas periferias das cidades, isto é, o contingente de dizeres expressivos – pouco valorizado - da grande massa da população brasileira que se encontra à margem dos condições básicas de sobrevivência.

Logo, um questionamento primeiro é indagarmos de que sociedade da informação estamos falando? A quais segmentos sociais a mesma se direciona? Que profissional queremos formar para atuar nessa sociedade? Qual o papel político dessa formação?

O termo, profissional da informação, adotado pelos bibliotecários, nas últimas décadas do século passado, a partir do avanço e adoção das tecnologias nos processos de geração, armazenamento e recuperação de informação, vem passando por vários processos, ora com uma visão progressista, ora conservadora.

Portanto, conduzimos a nossa reflexão em dois momentos que se completam. No primeiro, procuramos pontuar o papel que o bibliotecário assumiu na sociedade brasileira, sem contudo, demarcarmos em cronologias. Em seguida, reportamo-nos à maneira como pensamos o seu papel social e político.

A Biblioteconomia que temos é originária do Brasil Império e, paulatinamente consolidada na República, o que nos permite chegar nesse século com referenciais teórico-práticos com relativa significância para a compreensão do presente.

A consolidação da Biblioteconomia por um lado vinha ao encontro da expansão industrial e cultural do início do século XX e, por outro, atender aos ideários escolanovistas, que

atribuíam à biblioteca escolar, papel fundamental no processo de ensino – aprendizagem (AZEVEDO, 1947, p. 21). Com a fundação das Universidades no Brasil, almeja-se formar uma inteligência nacional, para tanto havia a necessidade de profissionais sabedores dos misteres de organizar e tratar os livros (CUNHA, 1988, p. 124). Em paralelo, com Gustavo Capanema, junto ao recém - criado Ministério da Educação e Cultura, e Augusto Meyer, no Instituto Nacional do Livro, pensa-se na instalação de bibliotecas públicas em cada município brasileiro (CASTRO, 1997,p. 5).

Para atender a esta expansão do mercado de trabalho, cursos são criados em outros Estados, rompendo com o monopólio carioca e paulista. Surge, deste modo, os primeiros intelectuais, notadamente mulheres, a exemplo de Adelpha de Figueiredo, Lydia de Queiroz Sambaquy, Bernadete Sinay Neves, Laura Russo, Zila Mamede, dentre outras, que juntas com representantes masculinos como Rubens Borba de Moraes, Edson Nery de Fonseca, Antônio Caetano Dias e mais alguns, estabelecem o *habitus* da Biblioteconomia no Brasil. *Habitus* que mesmo com todos os avanços teóricos, metodológicos e práticos ainda é marcado por muitas das concepções destes pioneiros.

Entretanto, estes percebiam a profissão bibliotecária na esfera do privado, isto é, no âmbito das estantes e prateleiras, e não como uma profissão pública, logo, os bibliotecários não se envolviam com o acontecer político, cultural e educacional. Era como se Machado de Assis, Mário de Andrade, Guimarães Rosa e outros autores abafassem o clamor do povo, que reivindicava seus direitos e sua liberdade de expressão. Era a efervescência do movimento hippie, dos Beatles, enquanto isso os bibliotecários viam a *banda passar* à luz de Dewey, do Código da Vaticano ou da ALA, ou seja, enquanto Brigitte Bardot escandalizava as mulheres e encantava os homens, esses profissionais prendiam-se às técnicas de catalogação, classificação e organização de catálogos e bibliografias, esquecendo-se dos aspectos sócio-histórico-culturais.

Neste contexto, o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação procurava se firmar no conjunto das indecisões políticas e sociais que marcaram a sociedade brasileira nos anos 50 e 60. Buscava-se então adaptar o bibliotecário às várias regras sociais impostas com o

término da II Grande Guerra. É a era da bibliografia, da documentação e, principalmente, da introdução da informática no campo da Biblioteconomia.

Deste modo, são exigidos novos perfis ao profissional, aqueles que dessem conta de controlar a produção bibliográfica nacional, em especial, a técnico-científica. Daí, os bibliotecários passarem a adaptar a insígnia “Servos dos Servos da Ciência”. Os bibliotecários entendiam a expressão como algo positivo, na medida que se consideravam como auxiliares dos cientistas, a quem estes recorriam quando necessitavam de informação para o desenvolvimento de seus estudos e pesquisas. Enfim, o ato de servir à ciência era um sinal de modernidade bibliotecária, ou seja, uma atividade que requeria especialização em um dado campo. Desse modo, essa expressão marcava a diferença entre o bibliotecário generalista do qualificado, especializado. Mas o que significa servo? Sujeito, vassalo, dependente, subalterno, inferior, pessoa a serviço de alguém, o que podemos concluir?

Esta ruptura com a generalismo contribuiu, *a posteriore*, para a criação do campo da Ciência Informação, a partir da década de 70, que trouxe novas concepções paradigmáticas, novos termos e outros referenciais teóricos para a Biblioteconomia e, por conseguinte, ao profissional que dela faz parte.

Em conseqüência desse avanço teórico – prático que surge no bojo das tecnologias da informação observa-se, a partir dos anos 90, mudança na denominação dos Cursos de Graduação em Biblioteconomia para Cursos de Ciência da Informação. Esperamos que estas mudanças não venham se constituir em novos rótulos para as velhas práticas, inclusive aquelas que privilegiem as máquinas em detrimento do homem, como tem ocorrido onde se destaca o fazer técnico, esquecendo-se do sujeito que dá sentido a ele.

Ressaltamos que a expansão dos Cursos de Biblioteconomia ocorreu na sua maioria, pós-reforma universitária de 68, portanto, no auge da ditadura militar, ou seja, na mesma proporção em que eram fechados os cursos de Sociologia, Antropologia e Filosofia, o que não é de difícil compreensão, pois estes questionavam o sistema político vigente. O ensino de Biblioteconomia se expandia, onde a partir da nossa competência técnica eliminava-se

dos catálogos e do acervo documentos que tratassem de temas sobre comunismo, guerrilha, feminismo, emancipação política por outros menos comprometedores, a exemplo de nacionalismo, desenvolvimentismo, progresso e outros, como evidencia Lucas (2000,p. 62).

Guerrilha é uma palavra com forte sentido político, evitada pelos bibliotecários brasileiros. Os usuários que consultarem as bibliotecas da Rede BIBLIODATA/CALCO (Catálogo Coletivo que reúne bibliotecas universitárias, de instituições de pesquisa) e a Base de dados UNIBIBLI [...] não recuperarão a obra deste autor [Fernando Gabeira, *O que é isso companheiro*] se fizerem uma pesquisa pelo assunto guerrilha.

Acreditamos, então que, sem nos aperceber, estávamos ajudando o Departamento de Imprensa e Propaganda - DIP e a outros órgãos a manterem as algemas e as mordanças inerentes ao período, na medida que ao definirmos termos diferentes do conteúdo dado pelo autor, via linguagem artificial, dificultávamos o acesso a informações progressistas, entendidas como aquelas que feriam os princípios da ordem social vigente.

Na tentativa de analisarmos esta afirmativa por um outro prisma, provavelmente esta tenha sido uma estratégia adotada pelos bibliotecários para preservar nas bibliotecas as coleções contra a força policial e a censura, a exemplo de obras como: *O Capital*, *Cuba contra os Ianques*, *O que é isso companheiro*, dentre muito outros.

Evidentemente, que o campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação e com eles os profissionais que as representam, nestas últimas décadas apresentam avanços significativos, correspondendo às transformações sociais, científicas, tecnológicas e políticas da sociedade brasileira, sem esquecermos, contudo, que esta se caracteriza pelas contradições demarcadas historicamente. Neste contexto, estes profissionais são conduzidos e induzidos a assumirem atitudes antagônicas para atender, por um lado, a população integrante ativa da chamada sociedade da informação e, por outro, um maior contingente que dela deseja fazer parte, mas que não detêm capital econômico, intelectual e cultural que a coloque em inter(hiper) interatividade e em inter(hiper) conectividade.

Nesta perspectiva, afirma Demo (2000, p. 41):

A inteligência [dos profissionais da informação] está na habilidade de lidar com a ambivalência. Aprender é sobretudo saber pensar, para além da lógica retilínea e evidente, por que nem o conhecimento é reto, nem a vida é caminho linear. Saber criar depende, em grande parte, da capacidade de navegar em águas turvas, saltar onde menos se espera, vislumbrar para além de que é recorrente. A informação não pode ser receita pronta, mas o desafio de a criar, mudar, refazer. O risco de manipulação é intrínseco, mas é no risco que podemos reduzir a manipulação. A sociedade da informação informa bem menos do que se imagina, assim como a globalização engloba as pessoas e povos bem menos do que se pretende. Na sociedade da mercadoria, mercadoria vem antes.

Certamente é esta a visão - de comprometimento -, que o profissional de qualquer campo, em especial, o da informação deve ter, isto é, não ver somente a sociedade da informação de forma consensual, harmônica e globalizada, mas entendê-la a partir de vários determinantes, dentre eles, o político, o econômico, o histórico e o educacional, portanto, percebê-la também do ponto de vista da sua negação. Compreende-se, assim, que ao lado da sociedade da informação, figura uma outra de maior proporção que é a sociedade da desinformação, do analfabetismo tecnológico, dos excluídos do acesso aos diferentes bens culturais, cuja competência profissional está em situar-se entre ambas, procurando buscar a superação da segunda em relação à primeira, a fim de que num futuro próximo o hiato entre ambas deixe de existir. A figura abaixo demonstra a posição que o profissional da informação ocupa entre sociedade da informação e a sociedade dos excluídos da informação.

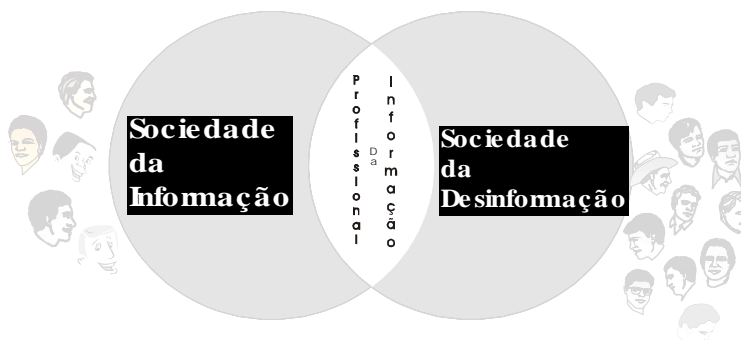


Figura 1: Interseção profissional da informação x sociedade da informação e da desinformação.

A relação sociedade da informação/desinformação, nos alcança cotidianamente, nas ruas, nas praças públicas, nas conversas de bar e contrariamente nas Universidades. De um lado, encontramos cientistas que descrevem com propriedade as mais recentes descobertas nos campos da biogenética, da física, da cibernética e em direção contrária, pessoas que não sabem requer decifrar o código escrito, quadro que exige dos profissionais da informação, uma dupla e diferenciada atuação: atender a uns poucos, que constituem a sociedade da informação e a grande maioria, os desvalidos informacionais. É evidente, que se tornar mais fácil lidar com o conhecido, menos problemático ou com aquilo que nos dá mais reconhecimento e status profissional (CASTRO; RIBEIRO, 1995 , p. 21).

Esta dualidade de visão requerida ao *Profissional da Informação*, vem ao encontro do pensamento marxista, tudo o que é sólido desmancha no ar.

Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e frequentemente destruir comunidades, valores, vidas; e ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças, a lutar para mudar o seu mundo transformando-o em nosso mundo. É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador: aberto a novas possibilidades de experiências e aventura, aterrorizado pelo abismo niilista ao qual tantas das aventuras modernas conduzem, na expectativa de criar e conservar algo real, ainda quando tudo em volta se desfaz “(BERMAN, 1986, p.13-14).

Cabe ao profissional da informação inserir-se em ambas as sociedades, na medida em que temos “ 50 milhões de miseráveis (29,3% da população brasileira tem renda mensal inferior a 80 reais per capita)”(FGV, 2000, p. 1).

A taxa de analfabetismo de pessoas na faixa etária de 15 anos a mais é uma das maiores entre os países do terceiro mundo, principalmente entre as mulheres. Apenas 5,9% das famílias brasileiras, têm renda média de mais de vinte salários mínimos e somente 76, 1% possuem água canalizada e 94,8 % luz elétrica, dados estes restritos nos centros urbanos. (IBGE, 2000).

De acordo com Baggio (2000, p. 16):

O Brasil tem hoje 20 milhões de pessoas incapazes de ler e escrever. Entretanto, ainda não se sabe quanto são os analfabetos digitais, aquelas pessoas despreparadas para viver a interação com as máquinas. A precariedade de condições a que essas pessoas estão submetidas colocam-nas também, muito provavelmente integrando os índices do desemprego e do trabalho informal, crescentes em nossa realidade”.

Este autor, define esta situação de exclusão, de “apartheid digital”.

Contraditoriamente a este quadro, observa-se no Brasil, mesmo timidamente e de forma centralizada em regiões e instituições, o crescimento da malha de meios de comunicação que cobre o país inteiro interliga continentes e chega às casas e empresas: são fios de telefone, canais de microondas, linhas de fibra ótica, cabos submarinos transoceânicos, transmissões via satélite. São computadores que processam informações, controlam, coordenam e tornam compatíveis os diversos meios (BRASIL, 2000, p. 1).

Todavia, segundo Afonso (2000, v. 27, p. 23):

Dos mais de cinco mil municípios brasileiros, menos de 300(ou menos de 6%) contam com infra-estrutura mínima necessária para que possam ser instalados serviços locais de acesso à Internet. Os cerca de cinco milhões de usuários da Internet no Brasil são menos de 3% da população. O Brasil é de longe o pior colocado em número per capita de usuários da Internet, computadores pessoais, linhas telefônicas e servidores Internet (hosts) entre as nove maiores economias do mundo. Os circuitos que conectam os provedores de serviços à Internet estão os mais caros do mundo, inviabilizando o pequeno provedor de serviços em áreas menos ricas.

A literatura relacionada a estas temáticas, profissional da informação e sociedade da informação é relevante, tanto no âmbito nacional como internacional, a exemplo de Guimarães e Guarezzi (1997), Tarapanoff (1998), Guimarães (2000), Terblanche (1995) e outros. Estes autores, ao tratarem das competências do profissional da informação destacam: as habilidades gerenciais, a capacidade de educar usuários, a criatividade, a afetividade, o espírito de liderança, a visão interdisciplinar, as atitudes pró-ativas, domínio tecnológico, a seletividade e outras.

Entendemos que estas competências e as outras encontradas na literatura da Biblioteconomia e da Ciência da Informação são da maior significância, mas acrescentamos a estas: a *competência teórico-prática*, a *competência política* e a *competência social*, as quais consideramos fundamentais para que as demais possam existir e serem efetivadas de maneira crítica e transformadora, objetivando assim a mudança do *eu* profissional da informação em *nós* profissionais da informação. Deste modo, é possível pensarmos em uma *sociedade inclusiva da informação*.

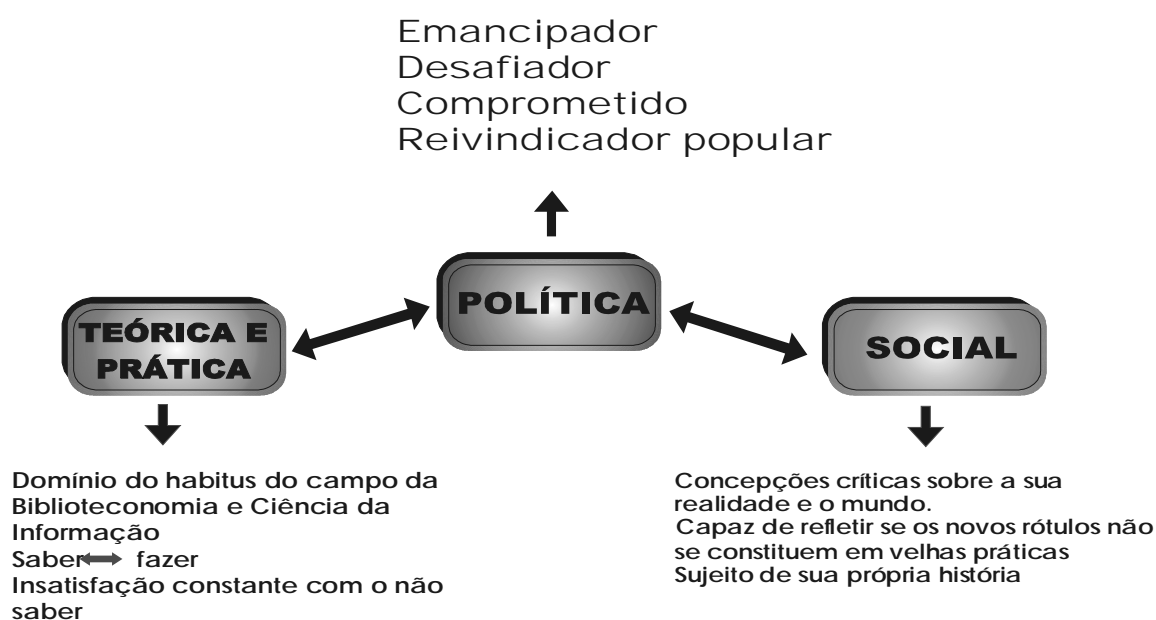


Figura 2: Competências do profissional da informação para a sociedade da informação inclusiva

Estas competências aliadas àquelas conduzem o profissional da informação a um constante esforço do pensamento, que é a habilidade de “[...] articular e organizar os conhecimentos e assim reconhecer os problemas do mundo”, ou seja, este deve ser capaz de tornar o conhecimento pertinente a partir da relação com o global, o contexto, o multidimensional e o complexo (MORIN, 2000, p. 35-36).

Segundo este autor, *o contexto* constitui-se em situar a informação num ambiente que lhe dê sentido, na medida em que não existe texto – de qualquer natureza e registrado em qualquer suporte - sem contexto. *O global* é o conjunto das diversas partes ligadas ao

conteúdo de modo inter-relacional e interdependente. *O multidimensional* é a não separação da parte do todo e, por último, *o complexo*, que é a relação da unidade e da multiplicidade. Sendo assim, a formação do profissional da informação, “[...] deve promover a inteligência geral apta a referir-se ao complexo ao conteúdo, de modo multidimensional e dentro da concepção global” (MORIN, 2000, p. 35-39).

Daí, é fundamental entendermos que a educação dos profissionais em formação e daqueles que se encontram no mercado de trabalho deva prepará-los para os problemas do mundo e dos antagonismos existentes, a fim de não tomar os discursos que tratam da sociedade da informação como absolutos e unilaterais, portanto, distanciados da realidade global e contextual.

É necessário, acima de tudo, uma formação político-crítica e criativa que responda às necessidades e aos anseios da maioria da sociedade, aquela que não alcançou os índices mínimos de qualidade digna de vida. Qualidade digna de vida que diante da ausência de vontade política separa o Brasil dos ricos e o Brasil dos pobres, o Brasil dos informados e dos desinformados, dos alfabetizados tecnológicos e dos analfabetos tecnológicos, caracterizando assim os diferentes *Brasis*.

REFERÊNCIAS

AFONSO, C. *Sociedade da Informação?* São Paulo: Edições do Autor, 2000.

AZEVEDO, F. de. Relação escola e biblioteca. **Revista do Livro**, n.54, p. 18-27, jan./mar., 1997.

BAGGIO, R. A sociedade da informação e a infoexclusão. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 16-21, maio/ago. 2000.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. 360p.

BRASIL. Ministério de Ciência e Tecnologia. **Livro Verde**. Brasília: MCT, 2000.

CASTRO, C. A. Profissional da informação: perfis e atitudes desejadas. **Informação e Sociedade**, João Pessoa, v. 10, n. 1, p. 142-156, jan./jul. 2000.

CASTRO, C. **Trajetória da Revista do Livro**: a ação editorial do INL. São Paulo: [s.n.], 1997. 29p. Mimeo.

_____; RIBEIRO, M. S. P. Sociedade da informação: dilema para o bibliotecário. **Transinformação**, Campinas, v. 9, n. 1, p. 17-25, jan./abr. 1995.

CUNHA, L. A. **A universidade crítica**. 2. ed. São Paulo: Francisco Alves, 1998.

DEMO, P. Ambivalência da sociedade da informação. **Ciência da informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 37-42 maio/ago. 2000.

ELCH, L. The modern information professional: a very personal definition. **FID News Bulletin**, v. 44, n. 4, p. 47-48, mar. 1994.

FGV divulga pesquisa mapa do fim da fome. Disponível em: <[http:// www.fgv.org.br](http://www.fgv.org.br)>. Acesso em : 17 jul. 2000.

GUIMARÃES, J. A. C.; GUAREZZI, S. Divulgação profissional: uma proposta pedagógica como suporte ao desenvolvimento da profissão bibliotecária no Brasil. **Transinformação**, Campinas, v. 6, n. 1/3, p. 43-59, jan./dez.1994.

GUIMARÃES, M. L. dos S. **Atuação do profissional bibliotecário da Biblioteca Central da Universidade Estadual do Maranhão**. 2000. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação) – Universidade de Brasília.

IBGE. **Dados estatísticos**. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 17 jun. 2000.

LUCAS, C. R. **Leitura e interpretação em biblioteconomia**. Campinas: Editora da Unicamp, 2000. 91p.

MICHEL, J. Management et documentation: nouvelles pour les professionnels de information. **FID News Bulletin**, v. 34, n. 2, p. 37-41, feb. 1993.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000. 118p.

TARAPANOFF, K. **O profissional da informação e a sociedade do conhecimento: desafios e oportunidades**. Brasília: [s.d.], 1998.

TERBLANCHE, F. Distance education and continuing education in the library and information profession. **Mousaion**, v. 13, n. 1/2, p. 170-183, 1995.

CÉSAR AUGUSTO CASTRO

Professor do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA
Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo.

MARIA SOLANGE PEREIRA RIBEIRO

Bibliotecária na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo
Professora Orientadora no PEC/USP
e-mail: solange@bae.unicamp.br

Artigo aceito para publicação em: 01/11/2003